

A NOÇÃO DE “BLOCO HISTÓRICO”

Maria do Carmo Marangoni

Mestranda em Filosofia da PUCAMP

Numa proposta de superação do materialismo mecanicista e do idealismo, Gramsci redescobre o conceito soreliano de bloco histórico, em torno do qual articulam-se os principais aspectos de seu pensamento, particularmente o político.

Vários exegetas de Gramsci ficaram com uma visão bastante simplista e limitada deste conceito-chave — bloco histórico —, entendendo e interpretando-o sumariamente, como a unidade entre a estrutura sócio-econômica e a superestrutura político-ideológica. Tal interpretação conduziu a uma subestimação do conceito, que chegou mesmo a ser visto como expressão mágica.

Gramsci define o bloco histórico como “a estrutura global, na qual se inserem, como momentos dialéticos, a estrutura econômica e as superestruturas ideológicas”¹.

A estrutura sócio-econômica é determinada pelo conjunto das forças sociais diretamente relacionadas com as forças produtivas. Baseado “no grau de desenvolvimento das forças materiais de produção, fazem-se os agrupamentos sociais, cada um deles representando uma função e guardando determinada posição na própria produção”².

Estudar e analisar concretamente uma fase estrutural só é possível após haver findado todo o seu processo de desenvolvimento, e não durante o próprio processo, a não ser, de forma hipotética.

Pelo caráter relativamente estático da estrutura em relação à superestrutura do bloco histórico, Gramsci deteve sua análise muito mais no empreendimento político que uma estrutura necessita, deslocando o problema para o plano das relações entre esta e a superestrutura. O estudo destas relações é o aspecto essencial da noção de bloco histórico.

Estudando-se a relação entre estrutura e superestrutura, é necessário se tenha em mente que o autor jamais elaborou tal conceito sob a forma da primazia de um ou outro elemento: os momentos da realidade estão intimamente relacionados com a práxis, ou seja, com a atividade histórica dos homens. Essas afirmações vêm reforçar a concepção de bloco histórico, onde “as forças materiais são o conceito e as ideologias a forma (distinção puramente dialética): as forças materiais não seriam concebíveis historicamente sem a forma, e as ideologias seriam pequenos caprichos individuais sem as forças materiais”³.

A superestrutura forma um conjunto complexo, contraditório e discordante, sendo "o reflexo do conjunto das relações sociais de produção"⁴.

Para Gramsci há duas esferas essenciais formando o conjunto das superestruturas: a sociedade civil e a sociedade política.

"O que se pode chamar de sociedade civil reúne o conjunto dos organismos ditos privados e corresponde à função de hegemonia que o grupo dominante exerce em toda a sociedade"⁵.

Ela constitui a base, o conteúdo ético da sociedade política; ela fornece a direção moral e intelectual do sistema social — seu campo constitui domínio da ideologia. A extensão de seu campo e a vocação de dirigir todo o bloco histórico, exigem uma adaptação de seu conteúdo às categorias sociais que atinge. Fato esse que leva Gramsci a considerar a sociedade civil sob três aspectos complementares: como ideologia da classe dirigente; como concepção de mundo difundida nos diferentes estratos sociais de forma que os vincula à classe dirigente; e, como direção ideológica da sociedade, (aqui articulando-se a três níveis: da ideologia propriamente dita, das organizações que a cria e a difunde, e do instrumental técnico de difusão).

Para Gramsci a ideologia, entendida como concepção do mundo presente em todas as manifestações de vida quer individual ou coletiva, é o elemento que cimenta e unifica todo o bloco social. Como consequência de tal amplitude conceitual, nenhuma atividade humana está imune à ideologia, mesmo as ciências, tidas como uma atividade das mais neutras. Há porém, diferentes graus qualitativos de ideologia, que vão desde a concepção mais elaborada de mundo — a filosofia —, até o folclore como o mais baixo grau, passando pelo senso comum e a religião, os quais permeiam todas as camadas do sistema social.

As atividades da superestrutura que se relacionam com as funções de coerção e manutenção da ordem estabelecida pela força, apoiadas no aparelho de Estado, caracterizam, no entender de Gramsci, a sociedade política. Esta se constitui num prolongamento da sociedade civil, pois é justamente o vínculo estabelecido entre ambas, que define a existência de um uso gradual da coerção: indo desde uma utilização legalizada desta, onde a classe dirigente controla os grupos que não consentem nesta direção, até o simples uso da força pela classe dirigente para manter sua dominação, quando há a perda do controle da sociedade civil. "Um grupo é dominante em relação a grupos adversos que ele busca liquidar ou, mesmo, submeter pela força das armas, e é dirigente em relação a grupos que lhe são próximos e seus aliados"⁶.

Na realidade essas duas esferas superestruturais situam-se numa unidade dialética, onde consenso (referente à sociedade civil) e coerção (referente à sociedade política) são usados alternadamente e o papel das

organizações torna-se mais fluído. “Não há sistema social onde o consentimento seja a base exclusiva da hegemonia, nem Estado em que um grupo possa, só através da coerção manter de forma durável sua dominação”⁷.

O Estado é definido por Gramsci “como o conjunto dos órgãos das sociedades civil e política, qualquer que seja seu estatuto formal — organizações privadas ou aparelho de Estado —, através dos quais é exercida a influência do grupo dominante”⁸. O autor destaca nesse campo de forma especial, a escola em sua função educativa positiva, e os tribunais em sua função educativa repressiva negativa, como setores de atividade estatal essenciais, havendo outras iniciativas de ordem privada que tendem no mesmo sentido.

Para Gramsci o Estado está destinado a desaparecer, uma vez cumprida sua missão, que é extinguir progressivamente as antigas classes dominantes à sociedade civil reabsorverá a sociedade política. “Assim, só o grupo social que coloca o fim do Estado e de si próprio como objetivo a atingir, pode criar um Estado-ético tendente a pôr fim às divisões internas dos dominados e a criar um organismo social unitário técnico-moral”⁹.

Quando Gramsci em sua elaboração teórica, estuda o bloco histórico, dá especial importância à direção ideológica e política, ao demonstrar que o Estado, mais que sua diversidade de organizações e dualidade de funções que permitem assegurar a hegemonia da classe fundamental, tem sua unidade decorrente da gestão de uma camada social que consegue a homogeneidade do bloco histórico: os intelectuais. Estes, vistos como camadas sociais cuja função é operar não a nível econômico, mas superestrutural, é que estabelecem o vínculo orgânico entre os dois elementos — estrutura e superestrutura. Essa organicidade é definida como resultado da evolução do movimento superestrutural do bloco histórico em compatibilidade com os limites de desenvolvimento da estrutura, e como feito dos grupos sociais incumbidos de gerir as atividades superestruturais.

“Cada grupo social, surgido num terreno originário de uma função essencial do mundo da produção econômica, cria, ao mesmo tempo que a si próprio, uma ou várias camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência de sua própria função, não somente no plano econômico, mas também no plano social e político”¹⁰.

Nota-se aqui a importância do papel dos intelectuais na organização e direção ideológica da massa, apesar de ocorrer em quase todos os papéis uma cisão entre a massa e os intelectuais, ainda que em graus diversos. Neste caso, a falta de uma concepção unitária, coerente e homogênea do Estado (embora os dirigentes afirmem o contrário), possibilita a desagregação dos grupos intelectuais por vários estratos, e ainda, no interior de um mesmo estrato.

Para Gramsci um sistema social só pode ser considerado integrado, quando se edifica um sistema hegemônico, dirigido por uma classe fundamental, que confia a gestão aos intelectuais, realizando-se dessa forma um bloco histórico.

A análise do bloco histórico deve levar em consideração:

- as condições estruturais da evolução da superestrutura, que se baseiam nos princípios de que nenhuma sociedade propõe a si uma tarefa para a qual já não haja condições necessárias e suficientes, bem como não se dissolverá ou será substituída, enquanto não tiver desenvolvido todas as formas de vida implicitamente contidas em suas relações;

- e as características essenciais do movimento superestrutural orgânico, onde se salienta a ideologia orgânica, enquanto historicamente necessária à estrutura, organizando a massa e dirigindo-a de acordo com as condições sócio-econômicas, e o caráter permanente que os movimentos superestruturais adquirem, dando lugar à crítica histórico-social dirigida aos vastos agrupamentos, sem fixar-se nas pessoas diretamente responsáveis.

Não se pode esquecer, entretanto, o conceito que se articula dialeticamente com o de bloco histórico: o de hegemonia; uma vez que esta se processa no interior do bloco histórico.

A hegemonia para uma classe social consiste em “destacar os traços específicos de uma situação histórica precisa, para fazer-se portavoz e defensora das reivindicações de outras camadas sócio-econômicas, ampliando suas perspectivas, com vistas a uma solução global, de modo que realize a união orgânica destas camadas através de uma aliança”¹¹.

É somente pela hegemonia que uma classe pode exercer a função de dirigente e dominante, objetivando obter um consenso geral pela persuasão e reprimir o adversário de classe pela força.

Para Gramsci a “mais engajada das classes dominadas desenvolve o combate contra a classe dirigente tradicional no terreno ideológico e desagrega seu bloco intelectual, antes de se apossar da sociedade política”, assegurando assim, sua hegemonia¹².

Nos países em que há uma sociedade civil bem estruturada, a derrubada do bloco histórico impõe a desagregação de um bloco intelectual muito resistente, que tende a submeter todos os intelectuais, grandes ou pequenos. O novo grupo social deve garantir a direção, isto é, a hegemonia do novo bloco histórico, desde antes da conquista do poder, condição primordial para tal conquista. Posteriormente, quando estiver no exercício do poder, mesmo detendo-o firmemente, esse grupo, para ser dominante não deverá renunciar à sua função dirigente.

O grande mérito de Gramsci reside no fato de sua elaboração teórica, ter superado os clássicos marxistas, dando uma ênfase maior na

direção cultural, ideológico e política de um sistema social, ou seja, de um bloco histórico.

Gramsci concebe o Homem como “um bloco histórico de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos de massa, objetivos ou materiais, com os quais o indivíduo está em relação ativa. Transformar o mundo exterior, as relações gerais, significa fortalecer a si mesmo, desenvolver a si mesmo, desenvolver a si mesmo”¹³.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) GRAMSCI, A. — **Concepção Dialética da História**. Trad. C. N. Coutinho, 3ª ed., RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1978, 341 pp. (Perspectivas do Homem — v. 12) p. 4.
- (2) PORTELLI, H. — **Gramsci e o Bloco Histórico**. Trad. A. Peralva, RJ, Ed. Paz e Terra, 1977, 142 pp. (Pensamento Crítico — v. 7) p. 45.
- (3) MACCIOCHI, M. A. — **A favor de Gramsci**. Trad. A. Peralva, 2ª ed., RJ, Ed. Paz e Terra, 1977, 301 pp., p. 149.
- (4) GRAMSCI, A. — Idem p. 52.
- (5) PORTELLI, H. — Idem p. 20.
- (6) MACCIOCHI, M. A. — Idem p. 153.
- (7) PORTELLI, H. — Idem p. 32.
- (8) PORTELLI, H. — Idem p. 35.
- (9) PORTELLI, H. — Idem p. 41.
- (10) PORTELLI, H. — Idem p. 49.
- (11) MACCIOCHI, M. A. — Idem p. 128.
- (12) MACCIOCHI, M. A. — Idem p. 129.
- (13) GRAMSCI, A. — Idem p. 47.